ISSN: 2358-8829

PESSOAS FORA DO PADRÃO: COMO AS NORMAS DE GÊNERO E HETERONORMATIVAS AFETAM O COTIDIANO DOS CORPOS DISSIDENTES DENTRO E FORA DA ESCOLA

João Paulo Nascimento de Sales [1]
Jussara Natalia Moreira Belens de Melo [2]
Silvio Cezar Lopes [3]

INTRODUÇÃO

A escola, de acordo com a Lei nº 9.394/1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), deve ser um espaço voltado para o aprendizado e para o pleno desenvolvimento dos estudantes. Entre seus objetivos está a permanência do aluno na educação básica e a preparação para a vida adulta, período em que os jovens passam a conviver com as diferentes pessoas e diversidades presentes na sociedade. Porém, essa realidade não é vivenciada da mesma forma por todos os alunos. Muitos jovens LGBT+ (Lésbicas, gays, bissexuais, trans e mais) não conseguem chegar até o final da educação básica e, mesmo aqueles que conseguem concluir seus estudos, podem ter sua integridade física, espiritual e, principalmente, psicológica afetada por experiências de discriminação vivenciadas dentro e fora do ambiente escolar.

As discussões sobre gênero ajudam a compreender como determinados comportamentos, características e formas de viver são relacionados socialmente ao que é considerado masculino ou feminino. Simone de Beauvoir, em sua obra "O Segundo Sexo", apresenta a ideia de que "não se nasce mulher, torna-se mulher", mostrando como os papéis relacionados às mulheres não são definidos apenas por questões biológicas, mas também são construídos durante a vida.

Judith Butler, em "Problemas de Gênero", também contribui para essa discussão ao problematizar as normas que estabelecem e regulam as formas como os corpos devem agir e se comportar na sociedade.

[1] Graduando do Curso de Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, prof.jpsales@gmail.com;
[2] Doutora pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB,jussara26@servidor.uepb.edu.br;
[3] Doutor pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, sclop34@gmail.com;

ISSN: 2358-8829

Essas normas também estão presentes nas expectativas criadas em relação aos homens e à masculinidade. Em "O Mito da Masculinidade", Sócrates Nolasco discute como os homens também são influenciados por padrões e expectativas sociais relacionados à forma como devem agir, sentir e demonstrar sua masculinidade. Dessa forma, pessoas que não se encaixam nos comportamentos considerados adequados para homens ou mulheres podem sofrer diferentes formas de cobrança, preconceito e violência. Essas situações também podem ser percebidas dentro do ambiente escolar, que, mesmo sendo um espaço de aprendizado e convivência, pode reproduzir padrões e preconceitos presentes na sociedade.

Parte importante da educação básica acontece durante a puberdade e a adolescência, períodos marcados por diversas descobertas e transformações físicas e mentais fundamentais para o amadurecimento dos jovens. Por isso, experiências negativas vivenciadas durante essa fase podem causar impactos e traumas que poderão permanecer durante toda a vida.

O primeiro beijo, as paixões platônicas, a primeira relação sexual e a exploração dos desejos relacionados à orientação sexual são alguns exemplos de experiências que geralmente fazem parte da vida de muitos jovens durante a puberdade. No entanto, essas experiências são muitas vezes negadas aos jovens LGBT+, que, em diversos casos, precisam esconder quem são ou reprimir o que sentem para evitar sofrer ainda mais discriminações. Dessa forma, acabam não tendo, em alguns momentos, a oportunidade, o poder de escolha ou a liberdade para decidir se querem ou não vivenciar essas experiências.

Diante dessas situações, torna-se importante identificar e problematizar as diferentes formas de violência e discriminação relacionadas às normas de gênero e à heteronormatividade, vivenciadas ou presenciadas pelos jovens dentro e fora do ambiente escolar. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo compreender como essas normas afetam o cotidiano de pessoas que não se encaixam nos padrões esperados pela sociedade, utilizando como base relatos coletados com estudantes do Ensino Médio. A coleta dos dados foi realizada durante uma atividade desenvolvida com alunos do 1º ano A, 1º ano B e 2º ano B do Ensino Médio.

ISSN: 2358-8829

A atividade aconteceu em dois tempos de aula, totalizando noventa minutos. No primeiro momento, foi realizada uma apresentação sobre o conceito de gênero, explicando como ele pode ser entendido como uma construção social e como diferentes atividades, comportamentos e características acabam sendo relacionados e divididos entre homens e mulheres. Também foi discutido como essa divisão binária influencia as pessoas a agirem de acordo com determinados padrões e expectativas criados socialmente.

No segundo momento, foram distribuídos papéis para que os alunos pudessem escrever, de forma anônima, relatos, experiências ou situações que vivenciaram ou presenciaram relacionadas a violências e discriminações causadas pelos padrões binários de gênero. A escolha pelo anonimato teve como objetivo preservar a privacidade dos estudantes e deixá-los mais à vontade para compartilhar suas experiências. Ao todo, foram coletados 54 relatos, que serviram como base para as discussões realizadas neste trabalho.

A análise dos relatos mostrou que as normas de gênero e heteronormativas não afetam somente os corpos LGBT+, mas todas as pessoas que, de alguma forma, não correspondem às expectativas criadas pela sociedade. Entre os relatos coletados, apareceram situações envolvendo cobranças relacionadas à masculinidade, principalmente em casos de meninos que eram pressionados a demonstrar uma masculinidade excessiva, mostrando também um lado mais simbólico dessas violências.

Dessa forma, os relatos coletados mostram como as normas de gênero e heteronormativas estão presentes no cotidiano dos estudantes e podem afetar suas experiências tanto dentro quanto fora da escola. As situações apresentadas demonstram a importância de discutir essas questões no ambiente escolar, possibilitando que os estudantes reflitam sobre os padrões que são impostos socialmente e sobre as diferentes formas de violência e discriminação que podem surgir quando uma pessoa não se encaixa neles

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma atividade realizada com alunos do Ensino Médio, buscando entender como as normas de gênero e heteronormativas podem

ISSN: 2358-8829

afetar o cotidiano das pessoas que não se encaixam nos padrões criados pela sociedade, tanto dentro quanto fora da escola. A atividade foi realizada nas turmas do 1º ano A, 1º ano B e 2º ano B.

Inicialmente, foi dada uma aula explicando o que é gênero e como ele pode ser entendido como uma construção social. Durante a aula, também foi conversado sobre como, desde cedo, meninos e meninas acabam sendo influenciados a gostar ou se comportar de determinadas formas. Como exemplo, foi discutida a ideia de que meninos devem gostar de futebol e meninas devem brincar de boneca, mostrando como esses estereótipos estão presentes no nosso cotidiano.

Após a explicação, foi realizada uma atividade na qual os alunos receberam papéis para escreverem, de forma anônima, sobre alguma violência ou situação relacionada ao gênero que sofreram ou presenciaram. A atividade foi feita com o objetivo de dar aos estudantes um espaço para compartilharem experiências que, muitas vezes, não são discutidas dentro da sala de aula. Ao todo, foram coletados 54 relatos dos alunos. Esses relatos foram analisados buscando identificar situações e experiências que se repetiam entre as respostas, principalmente aquelas relacionadas às violências, preconceitos e cobranças causadas pelas expectativas que a sociedade cria sobre o que homens e mulheres devem ser ou como devem se comportar.

Dessa forma, este trabalho não busca afirmar que as experiências relatadas representam a realidade de todos os estudantes ou de todas as escolas, mas utilizar os relatos coletados para refletir sobre como as normas de gênero e heteronormativas estão presentes no cotidiano e podem afetar as experiências das pessoas dentro e fora do ambiente escolar

REFERENCIAL TEÓRICO

Para compreender como as normas de gênero e heteronormativas afetam o cotidiano das pessoas, primeiro é necessário entender que gênero não é algo definido apenas pelo sexo biológico. Durante muito tempo, as diferenças entre homens e mulheres foram tratadas como algo natural, como se cada pessoa já nascesse com uma forma determinada de agir, gostar e se comportar. Dessa forma, características,

ISSN: 2358-8829

comportamentos e até mesmo os papéis sociais de homens e mulheres eram vistos como algo que não poderia ser mudado ou misturado.

Com o avanço das discussões sobre gênero, essa forma de compreender as diferenças entre homens e mulheres passou a ser questionada. Simone de Beauvoir, em sua obra O Segundo Sexo, contribui para essa discussão ao afirmar que "não se nasce mulher: torna-se mulher". A partir dessa ideia, podemos compreender que ser mulher, assim como as expectativas relacionadas ao feminino, envolve uma série de ensinamentos e comportamentos que são aprendidos e reproduzidos durante a vida.

Desde antes do nascimento, quando o sexo biológico do bebê é descoberto, começam a ser criadas expectativas sobre quem aquela pessoa será. As roupas, os brinquedos, as cores e até mesmo a forma como meninos e meninas devem se comportar são muitas vezes definidos a partir dessa divisão. Dessa forma, determinadas coisas passam a ser consideradas "coisa de menino" ou "coisa de menina", fazendo com que as pessoas sejam influenciadas desde cedo a seguirem determinados padrões.

Quando uma pessoa não segue essas expectativas, pode acabar sofrendo julgamentos, exclusão e diferentes formas de violência. Nesse sentido, é possível compreender como essas normas sociais possuem uma força coercitiva, pressionando os indivíduos a agirem de determinada forma. Nem sempre as pessoas percebem o quanto suas escolhas e comportamentos são influenciados pelas expectativas que existem ao seu redor.

Judith Butler, em Problemas de Gênero, também contribui para essa discussão ao questionar a ideia de que existe apenas uma forma natural e correta de ser homem ou mulher. As normas de gênero acabam estabelecendo expectativas sobre como cada pessoa deve se vestir, agir, se comportar e até mesmo sobre de quem deve gostar. Dessa forma, a heteronormatividade cria a expectativa de que todas as pessoas devem se encaixar em uma lógica onde homens devem se relacionar com mulheres e mulheres devem se relacionar com homens. Seguindo essa lógica, muitas pessoas acabam reproduzindo comportamentos porque acreditam que essa é a forma correta ou esperada de viver. Porém, as pessoas que não se encaixam nesses padrões podem ser vistas como diferentes e sofrer diferentes formas de preconceito e violência. São esses sujeitos que, muitas vezes, podem ser compreendidos como corpos dissidentes, por apresentarem formas de existir e viver que não correspondem ao padrão estabelecido socialmente.

ISSN: 2358-8829

As normas relacionadas ao gênero não afetam somente as mulheres ou as pessoas LGBT+. Sócrates Nolasco, em O Mito da Masculinidade, mostra como os homens também são influenciados pelas expectativas sociais relacionadas à forma como devem agir e demonstrar sua masculinidade. Desde cedo, muitos meninos são ensinados que precisam ser fortes, não demonstrar seus sentimentos e evitar comportamentos considerados femininos. A cobrança para não chorar, esconder as emoções ou demonstrar constantemente uma masculinidade excessiva pode fazer com que muitos homens sintam que precisam seguir um determinado padrão para serem reconhecidos socialmente como homens.

Dessa forma, percebe-se que, enquanto algumas violências relacionadas ao gênero podem atingir os corpos femininos de forma mais direta e brutal, os homens também podem sofrer uma violência mais simbólica quando são pressionados a esconder sentimentos e comportamentos que não correspondem ao modelo de masculinidade esperado pela sociedade.

Essas normas e cobranças também estão presentes no ambiente escolar. A escola, mesmo sendo um espaço de aprendizado e convivência com as diferenças, pode acabar reproduzindo preconceitos e padrões existentes na sociedade. A discussão apresentada por A própria realidade escolar ajuda a compreender como pessoas que não correspondem às expectativas relacionadas ao gênero e à sexualidade podem encontrar diferentes formas de exclusão dentro desse ambiente.

Dessa forma, discutir gênero e sexualidade dentro da escola torna-se importante para compreender como determinados padrões são reproduzidos e como eles podem afetar o cotidiano dos estudantes. A partir das contribuições de Simone de Beauvoir, Judith Butler e Sócrates Nolasco, é possível analisar como as normas de gênero e heteronormativas influenciam as experiências das pessoas e como aqueles que não se encaixam nos padrões esperados podem sofrer diferentes formas de cobrança, discriminação e violência.

Essas discussões servem como base para a análise dos relatos coletados durante a atividade realizada com os estudantes. Através deles, torna-se possível perceber como essas normas estão presentes não apenas nas discussões teóricas, mas também nas experiências vivenciadas ou presenciadas pelos alunos dentro e fora do ambiente escolar

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ISSN: 2358-8829

A partir da atividade realizada com os estudantes, foram coletados 54 relatos sobre situações de violência, discriminação ou cobranças relacionadas ao gênero que os alunos vivenciaram ou presenciaram. Para uma melhor compreensão dos dados encontrados, os relatos foram organizados em categorias analíticas de acordo com as situações e experiências que apareceram entre as respostas. A análise dos relatos mostrou que as normas de gênero e heteronormativas estão presentes em diferentes situações do cotidiano dos estudantes. Os resultados também mostram que essas normas não afetam somente as pessoas LGBT+, mas todas aquelas que, de alguma forma, não se encaixam nas expectativas socialmente criadas sobre como homens e mulheres devem agir, se comportar ou demonstrar seus sentimentos.

Dessa forma, os relatos foram organizados em quatro categorias: padrões de gênero no cotidiano; cobranças relacionadas à masculinidade; LGBTfobia e discriminação contra os corpos dissidentes; e violências e consequências causadas pelas normas de gênero.

1. "Coisa de menino" e "coisa de menina": os padrões de gênero no cotidiano

Uma das situações que mais apareceu entre os relatos foi a divisão de determinadas atividades, comportamentos e gostos entre aquilo que é considerado "coisa de menino" e "coisa de menina". Essas divisões estavam presentes em situações relacionadas a esportes, roupas, tarefas domésticas e outras atividades do cotidiano. Um dos estudantes relatou que, quando era criança, gostava de ajudar sua mãe nas atividades domésticas por perceber que ela chegava cansada do trabalho. Porém, seu pai passou a proibi-lo de lavar louça, varrer e realizar outras tarefas, por acreditar que essas atividades eram "coisa de mulher" e que fazê-las poderia influenciar sua sexualidade. O estudante também relatou que não podia assistir novelas pelo mesmo motivo. Outro relato mostra uma situação parecida, mas envolvendo uma menina que foi impedida de brincar na rua e jogar futebol por ser mulher, sendo informada de que essas atividades eram "coisa de homem". Essas situações podem ser relacionadas às discussões de Simone de Beauvoir em O Segundo Sexo. Ao afirmar que "não se nasce mulher, torna-se mulher", a autora ajuda a compreender que muitos comportamentos considerados naturais para homens e mulheres são, na verdade, construídos e ensinados socialmente. Os relatos mostram como, desde a infância, determinadas atividades são separadas entre aquilo que seria adequado para meninos ou meninas. Judith Butler também contribui para essa discussão ao problematizar as normas de gênero que estabelecem determinadas formas

ISSN: 2358-8829

consideradas corretas de ser homem ou mulher. A partir dos relatos, é possível perceber que essas regras estão presentes em situações aparentemente simples do cotidiano e podem limitar as escolhas dos estudantes. Assim, uma atividade como jogar futebol ou realizar tarefas domésticas deixa de ser vista apenas como uma preferência individual e passa a ser relacionada ao gênero da pessoa.

2. A masculinidade como uma cobrança: Os relatos também mostraram que as normas de gênero não afetam somente as mulheres e as pessoas LGBT+. Entre as experiências compartilhadas pelos estudantes, apareceram situações envolvendo meninos que eram pressionados a demonstrar determinados comportamentos para serem considerados masculinos. Um dos estudantes relatou que não gostava do fato de as pessoas acreditarem que ele era gay apenas por seu jeito de ser, por não gostar de futebol e por andar mais com meninas do que com outros meninos. Outro estudante relatou que seus pais o mandavam "falar grosso" e, quando era mais novo, pediam que engrossasse a voz e mudasse a forma como utilizava as mãos. Também apareceram relatos mais curtos, mas que demonstram como essas ideias continuam presentes, como a frase "Homem não chora" e a afirmação de que "demonstrar fragilidade é coisa de mulher". Essas experiências podem ser relacionadas às discussões de Sócrates Nolasco em O Mito da Masculinidade. O autor ajuda a compreender como os homens também são influenciados por expectativas sociais relacionadas à forma como devem agir e demonstrar sua masculinidade. A pressão para ser forte, esconder os sentimentos e evitar comportamentos considerados femininos pode ser entendida como uma forma de violência simbólica. Os relatos mostram que existe uma cobrança para que os meninos sigam um determinado modelo de masculinidade. Quando não correspondem a esse padrão, podem ter sua sexualidade questionada ou serem pressionados a mudar sua forma de agir. Dessa maneira, percebe-se que as normas de gênero também afetam pessoas que não são necessariamente LGBT+, mas que não correspondem ao modelo de masculinidade esperado socialmente.

3. Corpos dissidentes, LGBTfobia e heteronormatividade: Entre os relatos coletados também apareceram situações relacionadas diretamente à discriminação contra pessoas LGBT+ e contra aqueles que não se encaixam nos padrões esperados de gênero e sexualidade. Uma estudante relatou que estava com sua namorada na escola quando um menino perguntou quem era "o homem" da relação. A estudante respondeu que o objetivo de seu relacionamento era justamente não existir um homem, por se

ISSN: 2358-8829

tratar de uma relação entre duas mulheres. Outro estudante relatou que seu primo era gay, mas não conseguia se assumir por causa do pai. Também foi relatada a experiência de uma estudante que, ao se assumir bissexual, viu sua mãe chorar por desgosto. Além disso, apareceram situações em que pessoas deixaram de utilizar determinadas roupas, cortar o cabelo ou demonstrar carinho por outras pessoas por medo dos julgamentos e comentários que poderiam receber. Essas experiências mostram como a heteronormatividade cria expectativas sobre de quem as pessoas devem gostar e como devem demonstrar sua identidade. A pergunta sobre quem seria "o homem" em uma relação entre duas mulheres, por exemplo, mostra como algumas pessoas ainda tentam interpretar relações que fogem do padrão heterossexual utilizando uma lógica baseada na divisão tradicional entre homens e mulheres. As discussões de Judith Butler ajudam a compreender como determinadas normas sociais regulam os corpos e estabelecem quais formas de existir são mais aceitas. Da mesma forma, Marcos Siqueira, em Nesta escola não há lugar para bichinhas, contribui para aproximar essa discussão da realidade escolar, mostrando como esse ambiente também pode reproduzir normas e preconceitos existentes na sociedade. Os relatos mostram que, muitas vezes, a violência não acontece apenas através de agressões físicas. Os julgamentos, comentários e a necessidade de mudar a própria forma de se vestir, agir ou demonstrar carinho também podem funcionar como formas de controle sobre os corpos. Dessa forma, pessoas que não se encaixam nos padrões podem acabar modificando seus comportamentos por medo das consequências.

4. Das cobranças às violências: as consequências dos padrões impostos: Além das cobranças relacionadas aos comportamentos considerados adequados para homens e mulheres, alguns relatos apresentaram situações mais graves de violência. Entre elas, apareceram relatos de assédio, abuso sexual e medo de sofrer novas violências. Uma das estudantes relatou ter medo de passar perto de grupos de garotos por causa dos comentários que escuta sobre seu corpo. Em seu relato, também descreveu as inseguranças causadas por essas situações e como os comentários recebidos afetaram sua forma de se enxergar. Outras estudantes relataram o medo de sofrer violência por serem mulheres. Em um dos relatos, uma estudante afirmou já ter sofrido assédio de pessoas da própria família, pessoas que deveriam representar segurança e confiança. Também foram compartilhados relatos de abuso sexual, mostrando consequências que permanecem na vida das vítimas. Esses relatos

ISSN: 2358-8829

demonstram que as normas de gênero não aparecem apenas em comentários ou brincadeiras consideradas inofensivas. Em determinadas situações, elas estão relacionadas a formas mais graves de violência e ao controle dos corpos, principalmente dos corpos femininos e daqueles que não se encaixam nos padrões socialmente estabelecidos.

Ao mesmo tempo, é importante destacar que os relatos não devem ser vistos apenas como exemplos isolados. Mesmo sendo experiências individuais, quando analisados em conjunto, eles mostram como diferentes formas de cobrança e violência possuem uma origem semelhante: a expectativa de que homens e mulheres devem agir de determinadas maneiras e ocupar determinados espaços. Dessa forma, os resultados encontrados reforçam a importância de discutir as questões de gênero e sexualidade dentro do ambiente escolar. A atividade possibilitou que os estudantes compartilhassem experiências que, muitas vezes, permanecem escondidas ou não encontram espaço para serem discutidas.

A análise dos 54 relatos permite perceber que as normas de gênero e heteronormativas fazem parte do cotidiano dos estudantes e podem afetar diferentes pessoas. Seja através da cobrança para que um menino demonstre uma masculinidade excessiva, da imposição de determinados comportamentos às meninas ou da discriminação contra pessoas LGBT+, os relatos mostram que estar “fora do padrão” ainda pode ser motivo de julgamento, exclusão e violência. Por isso, torna-se importante que a escola seja também um espaço de reflexão e questionamento dessas normas, possibilitando que os estudantes compreendam que existem diferentes formas de ser, agir, se expressar e viver

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos 54 relatos coletados durante a atividade realizada com os estudantes, foi possível perceber como as normas de gênero e heteronormativas estão presentes em diferentes situações do cotidiano. Os relatos mostraram que essas normas não afetam somente as pessoas LGBT+, mas também todas aquelas que, de alguma forma, não se encaixam nos padrões criados socialmente sobre como homens e mulheres devem agir, se comportar, se vestir, demonstrar seus sentimentos ou até mesmo sobre de quem devem gostar.

ISSN: 2358-8829

As discussões realizadas ao longo deste trabalho, com base nas contribuições de Simone de Beauvoir, Judith Butler, Sócrates Nolasco e Marcos Siqueira, ajudaram a compreender como essas expectativas relacionadas ao gênero são construídas e reproduzidas socialmente. Os relatos dos estudantes possibilitaram perceber que essas discussões teóricas estão presentes nas experiências vivenciadas no dia a dia, aparecendo através de cobranças relacionadas à masculinidade, da divisão entre atividades consideradas de homens ou mulheres e de situações de preconceito e violência contra pessoas que não seguem os padrões esperados.

Um dos principais resultados encontrados foi perceber que as cobranças relacionadas ao gênero podem atingir diferentes pessoas de diferentes formas. Enquanto meninas e mulheres podem sofrer com limitações relacionadas aos espaços que podem ocupar, às roupas que utilizam e à forma como seus corpos são vistos, os meninos também podem ser pressionados a demonstrar uma masculinidade que nem sempre corresponde à sua forma de ser. Da mesma forma, as pessoas LGBT+ podem enfrentar situações de discriminação por não corresponderem às expectativas heteronormativas presentes na sociedade.

Os relatos também demonstraram que essas normas podem gerar consequências que vão além de simples comentários ou brincadeiras. Situações de assédio, exclusão, preconceito e outras formas de violência apareceram entre as experiências compartilhadas pelos estudantes. Isso mostra a importância de não tratar determinadas cobranças como situações isoladas, pois elas fazem parte de uma estrutura social que estabelece quais comportamentos e formas de existir são considerados adequados ou inadequados.

A realização da atividade também demonstrou a importância de criar espaços de diálogo dentro da escola. Ao possibilitar que os estudantes compartilhassem, de forma anônima, situações que vivenciaram ou presenciaram, foi possível perceber experiências que talvez não aparecessem em uma conversa comum em sala de aula. Dessa forma, atividades como essa podem contribuir para que os estudantes reflitam sobre suas próprias experiências e compreendam melhor as diferentes formas de discriminação e violência presentes em seu cotidiano.

Como contribuição para a comunidade científica, este trabalho apresenta uma possibilidade de compreender as discussões sobre gênero e heteronormatividade a partir das experiências relatadas pelos próprios estudantes. Além de discutir o que os autores

apresentam teoricamente, a pesquisa mostra como essas questões podem aparecer de forma concreta na vida dos jovens, dentro e fora do ambiente escolar. Espera-se que este estudo possa contribuir com futuras discussões sobre a importância de abordar as questões de gênero no ambiente educacional e incentivar a realização de novas pesquisas que escutem as experiências dos próprios estudantes.

Por fim, este trabalho não tem a intenção de esgotar as discussões sobre gênero, sexualidade e heteronormatividade. Pelo contrário, os relatos coletados mostram a necessidade de ampliar as pesquisas e os espaços de diálogo sobre essas questões. Novos estudos podem aprofundar a compreensão sobre como as normas de gênero afetam diferentes grupos e como a escola pode contribuir para diminuir situações de preconceito, discriminação e violência. Escutar os estudantes e suas experiências pode ser um dos caminhos para compreender melhor essas realidades e pensar em formas de construir espaços mais acolhedores para as diferentes formas de existir.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro:

Nova Fronteira, 2016.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação

nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato

Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

NOLASCO, Sócrates. O mito da masculinidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.